

Dos tempos pioneiros do KING'S BAR até os dias do Beirute

Para os boêmios, as cidades têm sexo. Seriam cidades masculinas: São Paulo, Porto Alegre, São Luís, Teresina, pela rispidez do meio geográfico e seus componentes antiboêmios.

Na faixa das cidades femininas, com seus encantos, estariam Curitiba, Fortaleza, Macaé, Recife, Goiânia.

Esses conceitos dos boêmios parecem partir de analogias com as características, no corpo das cidades, de seus locais de encontro, quetos de intelectuais, artistas, enfim, de todos os grupos sociais.

Brasília despe, neste seus vinte e um anos, os seus véus de puberdade, e passa a tomar contornos de uma cidade feminina. Seus detratores de ontem estão diminuindo a cada ano. Basta que saiam de férias, e voltem, pelo ar que se respira, pela relativa tranquilidade que a cidade

oferece, em relação à turbulência violenta das grandes metrópoles brasileiras.

Neste ano a vida noturna da cidade - como que numa homenagem aos candangos nordestinos que construíram a cidade - vive o "boom" da carne-de-sol.

Em cada esquina (e Brasília não tinha esquina) é inaugurada uma nova casa a oferecer "carne-de-sol", "farofa", "feijão de corda" e "manteiga de garrafa".

Indiferente aos modismos, a cidade mantém um ponto permanente e referencial a todos os boêmios que aqui estão e aos que saíram.

O "Beirute".

Disse certa vez a esposa de um boêmio por ela aposentado: "Ainda bem que você casou comigo e eu te tirei lá do Beirute. Lá você "perdeu" seis anos da sua vida".

Que segredos guarda o Beirute?

Intelectuais, jornalistas, lumpens, artistas, todas as noites buscam seu chope e comida árabe.

Há anos sua comida tem o mesmo sabor e a cerveja a mesma temperatura. Essa constante faz com que, até do exterior, os amigos contem com seu porto seguro, e telefonem para o Beirute deixando recados vindos de Paris, Londres, Escandinávia.

A tradição de ponto boêmio que tem resistido às investidas de "modismo" é garantida por três cearenses pioneiros na cidade. São eles os irmãos Marinho.

Bartolomeu e Aluizio são conhecidos há mais de vinte anos, desde os tempos em que o "King's Bar" era o referencial boêmio da cidade que nascia.

O "King's Bar" foi fundado por Osório Reis, um pioneiro

que César Prates trouxe para ser mordomo no "Catetinho".

De apontadores de obra, Bartô e Aluizio viram-se, de repente, os garçons mais conhecidos e conhecedores dos pioneiros que fizeram Brasília, até que, em 1967, encerrou-se o "King's Bar", após uma decadência iniciada em 1965.

Corre uma lenda entre os pioneiros de que o "King's Bar" entrou em decadência, após ter se firmado como o único ponto estável da boemia de Brasília, devido ao ato de Osório Reis que, ao saber da cassação de Juscelino Kubitschek, teria tirado o seu retrato da parede, selando assim a maldição, pela indiferença que os pioneiros passaram a ter pelo bar.

Ao entrevistarmos os irmãos Marinho, Bartolomeu não concordou com essa lenda.

Para ele, os únicos motivos

"foram o surgimento de lanchonetes e a mudança dos costumes que a cidade passou a sofrer. A partir de 1965, os forasteiros viram que Brasília estava aí para valer. Estudantes, operários, intelectuais, jornalistas, todo o tipo de gente passou a sentir amor pela cidade, e apareceram outras alternativas de pontos de encontro.

Foi isso que decretou o fim do "King's Bar".

Na realidade - lembrou Bartô - a boemia do "King's Bar" era diferente. Lá ninguém ficava até as tantas. As distâncias eram grandes, todo mundo trabalhava cedo, e não se tinha condições de entrar pela madrugada adentro, como acontece no Beirute.

O sucesso do Beirute, visto por Francisco - dos três irmãos, é o que alimenta o estômago do bar, já que é o encarregado do

abastecimento - deve-se ao companheirismo entre os proprietários e empregados.

"A gente se confunde no amor à casa; o pessoal da cozinha trabalha lá há mais de 10 anos. Não pensamos em abrir novos beirutes, pois, se o fizermos o nível de serviços cairá".

A freguesia tem se mantido ao longo dos anos. Os prejuízos são relativos, disse Francisco: "os cheques sem fundo que nós recebemos nesses anos, medidos não por valor, mas sim, por peso, dão uns dois quilos".

Aluizio Marinho disse que os boêmios se reciclam. Segundo ele, "o pessoal que casou e tem família constituída vem almoçar aqui com suas famílias aos sábados e domingos. A gente fica olhando de longe e vê eles se cumprimentando com um "oi", conferindo os meninos e a cidade que cresce."